

O sentimento de açorianidade

1. Pouco estudada e conhecida, especialmente no Brasil, apesar dos muitos imigrantes que para as regiões Sul e Sudeste vieram ao final do século XIX e na primeira metade do século XX, a literatura de temática açoriana ainda aguarda o surgimento de estudos teóricos e crítico-literários na universidade brasileira, embora não sejam raros os descendentes daqueles pioneiros – na maioria, analfabetos ou semialfabetizados – que já alcançaram os graus de mestre e doutor. No Brasil, destaca-se o romancista gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil (1945), professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio Grande do Sul e doutor em Letras, autor de *Escritos Açorianos: a Viagem de Retorno – Tópicos acerca da Narrativa Açoriana pós-25 de Abril*, ensaios (Lisboa, Salamandra, 2003) e de uma vasta obra que inclui outros livros, alguns publicados também em Portugal, Espanha e França.

Na universidade portuguesa, obviamente, esse desconhecimento não é tão flagrante, mas, ainda assim, a bibliografia não é tão fértil como deveria. Um estudo recente que ameniza um pouco essa aridez é a tese de doutoramento *O conto literário de temática açoriana: a ilha, o mar e a emigração*, de Mónica Serpa Cabral, da Universidade de Aveiro, autora também de uma investigação de mestrado sobre a narrativa breve de João de Melo (1949), notável escritor nascido na ilha de São Miguel, autor de romances, ensaios, poemas, crônicas e de um livro de viagens, *Açores, o Segredo das Ilhas* (2000).

Em texto de apresentação da tese de doutoramento publicado na *forma breve – Revista de Literatura*, do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, nº 8, dezembro de 2010, pp. 235-243, Mónica, nascida na ilha de São Miguel, observa que seu interesse pela realidade açoriana advém naturalmente de sua proximidade afetiva com o arquipélago, reforçada pela saudade provocada pela distância geográfica, já que reside há 13 anos no continente. Ao estudar o conto de temática açoriana, a autora diz que só nos anos 90 verificou-se um interesse maior pelo estudo do gênero em Portugal.

Segundo a pesquisadora, certas narrativas açorianas alargam os contornos do conto, derrubam fronteiras e apropriam-se de muitos traços de outros gêneros e subgêneros, como a crônica jornalística, a crônica histórica, a narrativa de viagens, a novela, o poema em prosa, o quadro campesino, a autobiografia, a lenda, o mito, a fábula, o artigo de caráter

científico, entre outros. Seja como for, diz a autora, a literatura dos Açores oferece uma visão particular do mundo e da sociedade, inconfundível com o modo de ser do português do continente, e que Vitorino Nemésio (1901-1978) definiu como açorianidade, um sentimento que vai além do simples bairrismo, daquela solidariedade que costuma unir aqueles que são oriundos de um mesmo lugar para constituir um estado de ser do homem açoriano, especialmente daquele que emigrou, mas preservou no coração o amor pelo lugar e sua gente.

Para Mónica, como a literatura açoriana está em grande parte ligada ao mundo rural, mesmo quando a ação se desenrola em espaço citadino, esse ruralismo está associado à memória coletiva e à arte de contar. Nesse sentido, os escritores açorianos são guardiões da memória coletiva, contadores de histórias que mantêm intrínseca ligação com a oralidade.

2. Em seu trabalho, que teve a orientação do professor António Manuel Ferreira, doutor em Literatura pela Universidade de Aveiro, a investigadora procurou apresentar uma visão histórica da narrativa açoriana, desde o final do século XIX até os dias de hoje, bem como dos principais autores, ainda que, como observa, a literatura no arquipélago exista desde a sua descoberta, pois data do século XVI a obra *Saudades da Terra*, de Gaspar Frutuoso (1522-1591). Segundo ela, até a Revolução de Abril de 1974, manteve-se certo conservadorismo temático na literatura açoriana, o que não se tem dado nos últimos anos, quando houve maior abertura a novas experiências literárias.

Como a emigração é um acontecimento central na história dos Açores, não poderia deixar de estar presente na literatura. Por isso, Mónica dedica ao tema um capítulo de sua tese, o quinto. O ponto central da tese, porém, como observa a autora, está no fato de que a literatura açoriana, em especial o conto, apresenta “uma certa coesão feita de recorrências, sobretudo um modo açoriano de tratar essas recorrências, as quais estão intimamente ligadas à especificidade da vivência açoriana, marcada por um domínio espaciotemporal opresso e circular”.

Na verdade, esta é a primeira vez que, em Portugal, estuda-se, numa tese de doutoramento, a evolução do conto de temática açoriana. Por isso, a autora não pode se prender ao estudo de um autor ou uma época, procurando oferecer uma visão panorâmica do gênero, destacando os seus grandes temas e imagens: a sensação de cárcere de quem vive em ilhas, o chamamento do horizonte, a partida, a errância, o apelo das raízes e, por fim, o regresso à casa. “Mesmo quando ainda residia na ilha, sentia a força das raízes e um amor muito profundo pela terra de origem, dois sentimentos que se intensificaram com a partida”, diz Mónica. “Por isso, tal como muitos escritores açorianos que abandonaram o

arquipélago, encarei meu trabalho como uma forma de mitigar a distância e a saudade, um meio de sentir a ilha mais próxima de mim”, acrescenta.

3. Em outro texto, “Entre o conto e a crônica: o estudo de narrativas de autores açorianos”, que também faz parte da edição nº 8 da revista *forma breve*, dedicada à crônica, Mónica Serpa Cabral estuda quatro autores açorianos praticantes desse gênero, Manuel Greaves (1878-1956), Daniel de Sá (1944), Manuel Ferreira (1916) e Dias de Melo (1925-2008). De Greaves e Sá, a investigadora diz que em *Histórias que me contaram* (1948) e *Crônica do Despovoamento das Ilhas (e Outras Cartas de El-Rei)* (1995), respectivamente, ambos aproximam os seus textos da realidade factual, explorando episódios da História dos Açores.

“Assim, a realidade histórica confunde-se com a ficção e origina um misto de conto e crônica que não deixa o leitor marcar com exatidão a fronteira entre fato e ficção”, observa, acrescentando que, dos dois, Greaves é o que mais dá importância à ação, usando uma linguagem simples, sem grandes artifícios literários. Enfim, lembra, os textos de ambos contemplam aspectos regionais, nomeadamente a pronúncia, o léxico, os costumes e tradições, além de pormenores geográficos.

Já em Manuel Ferreira a fonte de inspiração vem da realidade social e histórica insular e dos casos gravados na memória coletiva. Jornalista de profissão, diz a crítica, o escritor mostra preferência pela realidade factual, entrando, assim, no domínio da crônica. Mónica cita o conto “O alevante da isca”, do livro *O Barco e o Sonho* (1979), que é baseado num episódio verídico da história açoriana, em que a massa desfavorecida da cidade de Ponta Delgada se levanta contra a exploração e a ganância de um fiscal enviado de Lisboa, “um cão sem escrúpulos nem consciência, a governar-se à grande e à francesa, à coca e à custa do povo, entre rodadas de vinho e polvo na tasca do Simão, gabarola e cachaceiro – um rejeira de mil raios o partisse! [...]”.

Em *Cidade Cinzenta* (1971) e *Vinde e Vede* (1979), de Dias de Melo, diz a investigadora, fica difícil identificar o gênero, o que a levou a chamar os textos de narrativas, que constituem mais reflexões de um narrador que deambula pela paisagem física, humana e social. São, portanto, textos híbridos que extrapolam os limites do conto e entram no domínio da crônica, define a autora.

Um exemplo apontado pela estudiosa é o conto “Vinte contos em cinco minutos”, que fala de um personagem, o João Carroça, “homem de pé descalço” que fora enriquecendo ao longo do tempo e transformou-se num grande senhor, um respeitável burguês, que não hesita em explorar friamente um antigo companheiro dos dias em que andava

de carroça a vender a mercadoria, comprando-lhe a batata a cinco escudos e vendendo-a, cinco minutos depois, a 25 a um oficial do exército, o que explica o título da narrativa. Portanto, diz, o conto representa o lucro fácil de um homem rico, sem escrúpulos e indiferente à desgraça alheia.

Seja como for, para a investigadora, as narrativas de Manuel Ferreira e Dias de Melo aproximam-se mais do conto e apresentam, de forma mais visível, uma estrutura de ficção. Por aqui, vê-se a importância dos trabalhos de Mónica Serpa Cabral resgatando o trabalho não só destes ficcionistas açorianos como de outros, despertando no leitor a curiosidade de conhecê-los. Com certeza, será a partir de trabalhos bem estruturados e escritos com paixão como estes que a literatura açoriana há de se tornar mais conhecida não só em Portugal como no Brasil e em outras nações e comunidades dispersas do mundo lusófono.

4. Se para alguma coisa servir, é de lembrar que também este articulista é descendente de açorianos – seus avós maternos – que para a cidade de Santos, no Litoral de São Paulo, na região Sudeste do Brasil, vieram ao final do século XIX, estabelecendo-se no Morro de São Bento, que até hoje é um reduto das tradições dos Açores e da Ilha da Madeira de que melhor exemplo são as suas famosas bordadeiras. E teve como co-orientador, em Portugal, em seu trabalho de doutoramento em Letras pela Universidade de São Paulo, o professor Fernando Cristóvão, assistente e depois sucessor do açoriano Vitorino Nemésio na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Adelto Gonçalves